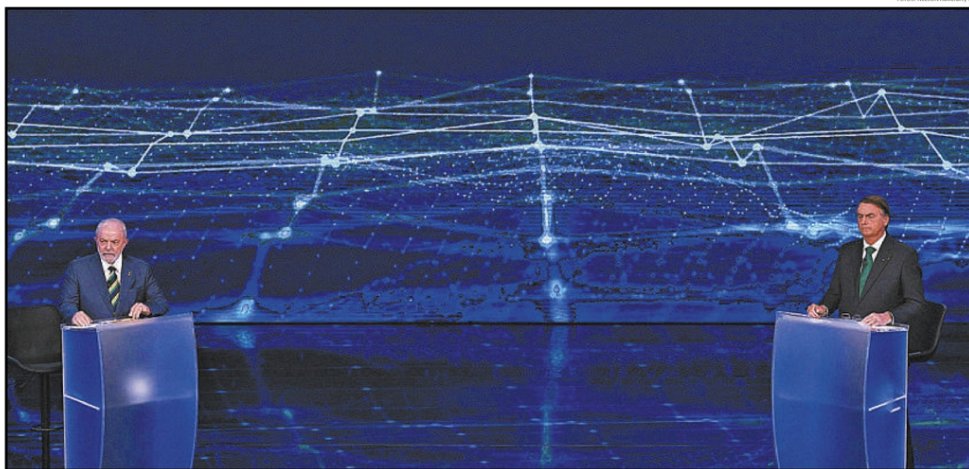


Primeiro debate do segundo turno teve um tom menos agressivo nos confrontos entre os candidatos e presença de temas esquecidos no primeiro turno, como pandemia e educação

PROPOSTA E DIVERGÊNCIA GANHAM MAIS ESPAÇO

FOTOS: MESCOM/AMBILIA / AFP



Lula e Bolsonaro aproveitaram o primeiro dos cinco encontros agendados para esta reta final da campanha presidencial para reforçar os pautas que são consideradas mais relevantes para seus eleitores

Bernardo Estilac

Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) estiveram frente a frente pela primeira vez no segundo turno na noite de ontem durante o debate promovido por pool formado pelo portal UOL, grupo Bandeirantes, Folha de S.Paulo e TV Cultura. Com cerca de duas horas de duração e metade deste tempo destinado ao embate direto entre os candidatos, os presidentes usaram o espaço para discussão de propostas e comparações entre as gestões do rival no Palácio do Planalto. O petista concentrou os ataques ao atual presidente na gestão da pandemia, enquanto Bolsonaro fez da corrupção e pautas de costumes a munição para as perguntas ao adversário. Em encontro mais propositivo e menos agressivo do que nos debates do primeiro turno, as ofensas pessoais mais recorrentes foram sobre mentiras e fake news.

O debate começou com os candidatos respondendo a uma pergunta feita pelo jornalista Eduardo Oliveira, que os questionou sobre o papel do presidente no direcionamento do orçamento do país. Nas respostas, os presidentes se abriram a série de críticas ao adversário. Bolsonaro afirmou que a bancada do PT na Câmara dos Deputados votou contra o auxílio emergencial e Lula desmentiu dizendo que o partido propôs a criação do programa antes do governo federal.

Na sequência, os candidatos tiveram 15 minutos cada um para embate direto com tema livre. Lula começou perguntando e questionou Bolsonaro sobre quantas universidades e escolas técnicas foram abertas na atual gestão. O presidente não respondeu, afirmando que não faria sentido abrir instituições porque elas ficariam fechadas devido à pandemia. Três minutos após o início da rodada livre de perguntas entre os participantes, Lula abordou pela primeira vez o tema da pandemia, que tomou a maior parte do bloco.

O petista criticou a gestão de Bolsonaro na pandemia e focou as perguntas em episódios em que o presidente imitou pessoas morrendo com falta de ar e falsas que colocaram em xeque a eficácia das vacinas. "Eu não faço acusações mentirosas. São dados científicos. O senhor atrasou a vacina, depois tendendo um processo inclusivo de corrupção definitiva e denunciado pela CPL o fato concreto é que a sua negligência fez com que 680 mil pessoas morressem quando mais da metade poderia ter sido salva", disse Lula.

Bolsonaro se defendeu citando ter comprado 500 milhões de doses de vacinas e afirmou que os momentos em que imitou pessoas com falta de ar fo-

ram adulterados. "O 'riu' é mais uma mentira tua, basta ver o vídeo quando aconteceu a questão da falta de ar. Você só especialistas em pegar vídeos, filmes, e cortar o pedaço que interessa para vocês", disse o presidente.

INFORMAÇÕES FALSAS Ambos gastaram cerca de 8 minutos de seus tempos discutindo a veracidade das críticas. "Chega de mentira, vamos passar para outro assunto aqui", falou o candidato do PL ao alternar o tema do debate para a segurança pública quando tinha pouco mais de cinco minutos restantes reservados para fala.

Bolsonaro associou a recente visita de Lula ao Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, a uma suposta boa relação do presidencialismo com traficantes. O petista se defendeu dizendo ter criado cinco prisões de segurança máxima em seu governo e rebateu Bolsonaro tratando sobre suas supostas relações com a milícia carioca, citando o assassinato da vereadora Marielle Franco.

O Nordeste do Brasil, região onde Lula teve dianteira de quase 13 milhões



de votos no primeiro turno, também foi tema do primeiro bloco. Os candidatos debateram a autoria das obras de transposição do Rio São Francisco, iniciadas nas gestões petistas e finalizadas por Bolsonaro. "Mas dizer que foi sua? Você acha que alguém acredita? Acha que o nondestino que está vindo a gente na televisão acredita que foi você que levou água?", questionou Lula, ao passo que Bolsonaro afirmou que intervenções estavam paradas e foram retardadas por conta de escândalos de corrupção nos mandatos do PT em Brasília.

CORRUPÇÃO NO SEGUNDO BLOCO

No segundo bloco, os presidentes responderam a perguntas de quatro jornalistas. A primeira a questionar foi Vera Magalhães, contratada da TV Cul-

tura. No primeiro turno, ela foi atacada por Bolsonaro, que a chamou de "vegetariana" para o jornalista brasileiro ao ficar irritado com uma pergunta. Lula lembrou o fato ao começar a responder sobre seu posicionamento acerca da mudança da formação do Supremo Tribunal Federal (STF). "O Vera, você vai ver que eu vou chegar perto da câmera que você falou, não vai ter nenhuma agressão minha a você", disse o petista. Bolsonaro adotou tom amistoso ao iniciar a pergunta: "Satisfação em revê-la", afirmou. Nenhum dos candidatos respondeu de forma clara, mas ambos negaram intenção de mudanças na Corte.

A segunda pergunta foi sobre a gestão da Petrobras, a política de preços dos combustíveis e uma possível privatização da companhia. Bolsonaro usou seu tempo de resposta para tratar sobre medidas tomadas para reduzir o preço dos combustíveis via redução de impostos estaduais. Lula disse que acha uma "loucura" privatizar a Petrobras e tratou sobre projetos para autossuficiência energética do país.

Os presidentes voltaram a responder de forma furtiva quando foram questionados sobre medidas judiciais de combate à desinformação. Lula citou 36 decisões do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para retrair da ar de

conteúdos falaciosos sobre sua campanha e disse que as outras disputas presidenciais foram mais civilizadas pela ausência de conteúdos de desinformação. O petista também citou uma live feita por Bolsonaro na madrugada de domingo para explicar a fala sobre as mentiras venezuelanas. Bolsonaro leu uma decisão do ministro do STF e presidente do TSE, Alexandre de Moraes, impedindo que a campanha do PT use o trecho de um vídeo em que ele afirma que "pinotou um clima" com menores de idade refugiadas da Venezuela.

A quarta e última pergunta do segundo bloco foi sobre o apoio de parlamentares ao Executivo. Bolsonaro se defendeu afirmando que não tem gestão sobre as emendas de relator, como fez em debates anteriores quando o tema veio à tona. Lula falou sobre formar o orçamento e secreto em orçamento participativo, aberto aos cidadãos, mas se absteve de comentar sobre o petróleo.

MEIO AMBIENTE No terceiro bloco, os candidatos voltaram a ter 15 minutos livres para embate direto. Bolsonaro começou a rodada de perguntas insistindo sobre o petróleo e questionou dívidas acumuladas pela Petrobras em governos petistas. Lula seguiu a estratégia de debates do primeiro turno, admitiu a ocorrência de casos de corrupção na estatal, mas disse que o combate aos crimes políticos não pode prejudicar o funcionamento das empresas e dos empregos.

O desmatamento na Amazônia foi debatido durante o embate direto. Lula disse que seu governo registrou o menor nível de desmatamento histórico na floresta e foi contestado por Bolsonaro. "Tá um Google em casa aí. Desmatamento 2003 a 2006, quatro anos do governo Lula. Depois dá um Google. Desmatamento, Jair Bolsonaro, 2019 a 22", disse o presidente, que voltou a falar sobre ameaça internacional à soberania brasileira na região.

O embate direto no fim foi mais conturbado que o primeiro, com interrupções por parte dos participantes e um momento em que Bolsonaro pês a não no ombro de Lula, que tentou afastar o presidente. O controle do tempo também foi diferente, com o petista gastando os 15 minutos antes do adversário, que teve mais de 5 minutos livres para falar sem réplica do adversário. Bolsonaro usou temas comuns à campanha: países com governos de esquerda na América Latina e perseguição religiosa.

Lula teve um pedido de direito de resposta atendido ao fim do terceiro bloco, o único da noite. Durante o debate, o petista solicitou a medida quatro vezes e Bolsonaro, duas.



MORO ACESSORA BOLSONARO

A participação de surpresa nos bastidores do debate ficou por conta de Sergio Moro (União Brasil). Senador eleito pelo Paraná, o ex-juiz e ex-ministro da Justiça fez parte da equipe que assessorou o presidente junto de nomes como Fábio Faria, ministro das Comunicações, e Ciro Nogueira (PP), ministro da Casa Civil. Moro foi responsável pela condenação de Lula na Operação Lava-Jato. O processo impediu a participação nas eleições de 2018, quando Bolsonaro foi eleito. O então juiz deixou o cargo para assumir o ministério da Justiça, mas deixou a pasta em 2020 alegando interferência do presidente na Polícia Federal. Candidato ao Senado, ele se reaproximou do antigo chefe às vésperas da eleição. Depois do debate, Bolsonaro comentou a presença de Moro: "Você nunca brigou em casa com o marido?", ironizou o presidente.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Página:** 3